

# Os Braços da Lancha

José Peixoto

"Eu levava sempre a minha ferramenta a bordo para dar um jeito a qualquer mazela da lancha". É com estas palavras que José Maria, "o Zé-Zé do Museu", recorda as viagens que fez como tripulante da lancha poveira. José Maria da Silva Baptista nasceu na Póvoa de Varzim em 1944. Trabalhou no Museu da Póvoa de Varzim, onde se tornou amigo de Manuel Lopes. "Entre muitas outras criações fiz muitas miniaturas a representar as tradições poveiras. Trabalhei na montagem de muitas exposições no museu e na biblioteca, que na altura ficava na Praça Luís de Camões. O Manuel Lopes era director do museu e da biblioteca. A nossa amizade acabou por me levar para a lancha Fé em Deus".

Como funcionário do museu e da biblioteca, José Maria recorda o tempo em que a lancha poveira era ainda um sonho: "o projecto da lancha não saía das mãos e da cabeça do Manuel Lopes. Quando se arrancou para a construção da lancha, só não vi o abate das árvores para a quilha. Todos os dias íamos os dois ver a lancha a aparecer. O Manuel Lopes registava todos os passos da construção. Tirou fotografias desde o abate das árvores até ao último prego. Pedia para lhe ligarem do estaleiro quando estivessem a colocar as principais estruturas da embarcação, como a carlinga, as panas, escotilhas de proa e ré, o leme, o albaçuz e as chumaceiras. Ainda participei no Ala-Arriba. Quem ia na lancha eram os pescadores mais velhotes. O Antoni-

nho, que tinha pregado a primeira caverna na lancha Fé em Deus, foi o mestre do bota-abaixo. Na mesma hora passou o leme ao mestre Nia Preu".

José Maria foi um dos tripulante que foi a Brest, França, em 1996, participar na Grande Regata Brest - Douarnenez. "Como a lancha não tinha motor, houve alturas sem vento que foi preciso remar e tivemos que resolver um problema com os toletes que não entravam nos remos. Um barco fez mal uma manobra e partiu uma parte do leme da Fé em Deus. Arranjaram um carpinteiro que se sentou ao lado com um catraio. Fui eu e o Pereira que arranjamos o leme, mas o francês é que recebeu o dinheiro", recorda.

Entre viagens a terras lusas ou galegas, José Maria reconhece que a lancha poveira deixou sempre uma sigla no coração das gentes: "nos molhes e ancoradouros, as pessoas respondem sempre com admiração e aplausos, quando vêm a lancha a navegar à vela, a executar manobras ou a aproximar-se do cais". E acrescenta: "na viagem à Expo98 as avarias foram muitas, mas não foi só azares. Na chegada a Peniche, dois idosos exclamaram que só os lobos-domar poveiros eram capazes de voltar a navegar na velha lancha. E acrescenta: "numa das navegações no rio Tejo, com a vela cheia e a bolinar, o mestre aventurou-se a fazer a lancha passar por entre dois navios. Toda a gente veio à borda dos navios ver e aplaudir. Eu senti aquele orgulho poveiro. É difícil

esquecer um momento destes. Depois da Expo fiz mais uma ou duas viagens".

José Maria "o Zé-Zé do Museu" continua a nutrir uma grande admiração pelo mestre da Fé em Deus. "O Nia é um mestre arrojado. Para ele não há mar bravo. Estivesse o tempo que estivesse, a lancha fazia-se ao mar. Houve um ou outro tripulante que ao ver o mar a ferver optou por ficar em terra. Não vai ser fácil arranjar outro mestre como o Nia". E conclui: "a lancha viva é e será sempre uma memória".



Zé-Zé do Museu



## MELOMANIAS

Por Filipe Ferreira

### Relaxamento Psicadélico

Uma vez que o início da banda não foi propriamente um acaso do destino, o quarteto conheceu-se na Escola de Arte em Edimburgo, é natural que o que eles façam façam bem! Apesar disto o caminho que eles escolheram foi tudo menos o óbvio...

Numa altura em que já não é muito fácil arranjar um lugar ao sol, mesmo vindo dos lados das terras de sua Majestade, os *Django Django* simplesmente abdicaram de grandes referências e ou nomes que podiam apadrinhar o seu aparecimento. De facto a maior característica que podemos encontrar é o ecletismo. No mesmo tema somos rapidamente confrontados com momentos tropicais quase infantis, de duas ou três notas apenas, como logo de seguida a batida ganha contornos épicos e toda a sonoridade muda para, por exemplo, como se de um grande hino se tratasse, um grande hino dos anos 60.

Sempre com um toque minimalista e ao mesmo tempo estranho a música é apesar de tudo muito agradável, se calhar porque ocupa em nós um espaço que nenhuma outra antes tinha conseguido ocupar.

O grande momento do álbum acaba por ser *Life's a Beach*, logo no trocadilho permite-nos perceber um tema descontraído, relaxado, quase um êxito instantâneo, muito facilmente um dos temas que vai marcar o ano. Outros momentos porém merecem destaque, como o tema que abre o álbum que automaticamente nos leva para o universo dos britânicos, ou por exemplo *Hand of Man*, onde nos vem à cabeça nomes como *Hot Chip*, entre outros.

Não sendo um álbum fácil nem imediato, até pelas barreiras que vai quebrando, parece-me que estamos na presença de um dos marcos musicais de 2012!

## Tony Carreira no Casino da Póvoa

Tomás Postiga



Tony Carreira actua no Salão D'Ouro, do Casino da Póvoa no próximo dia 21 de Abril. Ao longo dos seus quase 25 anos de carreira, Tony Carreira tem vindo a criar uma legião de fãs não só em Portugal como também junto das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Talvez por esta razão, os seus trabalhos tenham já estado por diversas vezes no topo de vendas das tabelas musicais, dos quais destacamos: "Sonhos de Menino", "Depois de Ti (Mais Nada)" e "A Vida Que Eu Escolhi". A 21 de Abril, Tony Carreira promete cantar e encantar!

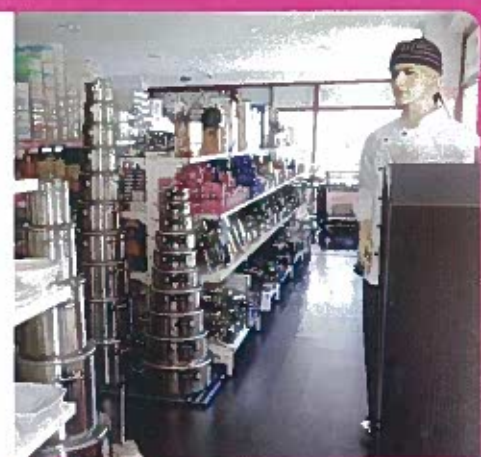


### Promoção em Porcelanas Decoradas de Hotelaria Vista Alegre

De 24 a 60 peças: 15% de desconto  
De 61 a 120 peças: 20% de desconto  
Mais de 120 peças: 25% de desconto  
Total de stock: 50% de desconto

Íválido para artigos em stock entre 01/04/2012 e 30/04/2012

www.brincoloica.com  
Rua da Póvoa, 758 | Zona Industrial de Amorim  
4495-129 Póvoa de Varzim | Telefone: 252 684 339



Novas Instalações em Braga